

Lycia Barros



Geração Z

Tortura

cor-de-rosa

**As meninas
também sabem
ser cruéis**

A

Lycia Barros

Tortura cor-de-rosa

As meninas também sabem ser cruéis



HABACUC

Capítulo 1

Uma das mais antigas lembranças de infância de Ava era uma ida à base da Marinha com o pai. Ele pegara um café para si e servira um suco de uva para ela. Seu melhor amigo daquela época, o tenente Sebastião, não se importou em ceder sua bebida àquela linda menininha de cachos negros e olhos azuis. Ava tinha somente quatro anos, mas se lembrava vividamente de como o pai ficara orgulhoso ao apresentá-la às pessoas que se aproximavam para admirá-la. Lembrava-se também de ter se escondido várias vezes atrás da perna dele, para se resguardar em sua presença protetora quando alguns de seus colegas chegavam mais perto. Exibia suas lindas covinhas ao sorrir, mas como era tímida, mantinha-se longe.

Ava nascera em Belo Horizonte. Mas o trabalho do pai obrigava a família a mudar-se constantemente de cidade. Havia incentivos financeiros – bastante significativos – para os militares que mudassem de região. Por essa razão, Tadeu aceitava, o que causava muitas brigas e prejuízos para a carreira da mãe, que era médica e precisava se estabelecer para formar uma clientela. Por isso, em uma dessas viagens, Ava e sua mãe não o seguiram. E Ava ficou por seis meses sem ver a figura consoladora do pai. Seu mundo apagou-se um pouco naqueles meses. Não que não gostasse da mãe, mas ela era um pouco mais fria. Nunca embalara Ava nem cantara canções de ninar, nunca a confortara ou a fizera dormir em seu colo. Seu pai, sim, fazia tudo isso. Ava o via como um homem alegre, bem-humorado e cheio de vida. Era a luz e a alegria da casa. Chorosa, Ava passava horas e horas na janela – feito uma velha, comparava sua mãe –, esperando que o carro dele despontasse no horizonte. Todavia, quando ele finalmente reapareceu no Natal, foi uma noite inesquecível de surpresas. Sendo uma típica família protestante, participaram da Santa Ceia

na igreja e em seguida retornaram ao lar, a fim de desembulhar os presentes. Ava ganhou bonecas novas, sapatos novos e muitos vestidos. Também ganhou sua primeira sapatilha. Sua mãe, apesar da capa de durona, também sofrera muito na ausência de Tadeu, e por isso voltou a acompanhá-lo em todas as viagens.

As mudanças recomeçaram. Com isso, Ava era frequentemente a recém-chegada do colégio ou da igreja. E assim que conseguia estabelecer algum vínculo com as outras crianças, o que levava um certo tempo devido à sua timidez, era abruptamente levada para outra cidade. Desejando proteger o coração, a partir do quarto ano passou a ter uma postura cautelosa sobre os seus relacionamentos, o que muitas vezes era interpretado como presunção. Ava ficava imaginando como seria bom se tivesse irmãos, pois pelo menos não se sentiria tão sozinha no mundo. Quando crescesse, prometeu a si mesma, teria uma família numerosa.

Também não foram poucas as vezes em que eles se mudaram no meio do ano, o que era ainda pior. Ava passava o resto do ano letivo sem amigos, excluída dos grupos que já haviam se formado. Como iniciar uma conversa não era o seu forte, mantinha-se solitária. Apoiadas na segurança de seus próprios grupinhos, as outras meninas só se aproximavam para ridicularizar a novata, chamando-a de *Avassoura* — o que fazia a pobre menina acuar-se mais a cada dia. Mas também, por que e para que o pai lhe dera um nome em homenagem à mãe dele, sua avó?

Durante os anos que se seguiram, no ginásio, Ava encontrou uma solução. Forjou uma armadura de indiferença contra as piadas e boatos sobre a sua pessoa. Por essa época, para culminar, completou doze anos e seu corpo começou a desabrochar. Ficava horas em frente ao espelho tentando achar um jeito de consertar aquela catástrofe. Pois o que via refletido era uma massa de cachos negros — impossíveis de controlar —, olhos cinzentos, um nariz anguloso, e uma boca disposta a nunca mais parar de crescer. Talvez não fosse exatamente *feia*, ela animava a si mesma, mas ninguém hesitaria em convidá-la para aqueles programas de plástica na tevê, com *antes e depois*. Considerava-se um perfeito exemplo do *antes*. Como era muito magra, tentou imaginar-se

como modelo. Poderia trabalhar como modelo exótica, não? Assim pensando, ensaiava um olhar sensual e unia os lábios fazendo um biquinho malicioso. Porém, o resultado foi desastroso, além de deprimente, com aquela nova espinha saltando-lhe no meio da testa. Jogou a franja para a frente e ensaiou outra pose, olhando-se de costas, com um sorriso jovial e o traseiro levemente empinado. Mas não fazia nem de longe o gênero “brasileira típica”. A bem da verdade, não fazia gênero algum. Resignada, chegou à conclusão de que se quisesse ser admirada pelas pessoas que fervilhavam sobre a terra, haveria de ser pela sua inteligência. Queria ser lembrada, queria ser brilhante, queria ser especial...

Então, chegou aos treze anos. Nessa época, Ava morava na capital do país. Ricocheteava pela vida como uma alma perdida. Ia andando até o lago Paranoá, o corpo esguio cambaleando contra o vento. Caminhava por horas e horas contemplando aquelas águas cinzentas e sentindo uma tristeza profunda, um anseio avassalador por algo que não sabia o que era. Desejava aquilo com tanto ardor que a dor no peito parecia-lhe insuportável, como uma espécie de nostalgia de um passado que ainda não existira. Como se algum dia, em um passado distante, ela já tivesse vivido algo tão belo que merecesse ser vivido outra vez. E em uma dessas tardes melancólicas, ao chegar em casa, descobriu-se mulher. Seu ciclo menstrual havia começado. Chorou por duas semanas, pois não queria crescer, não queria virar uma adulta. Queria a proteção dos braços dos pais, queria entocar-se no quarto e, escondida, acariciar uma boneca; queria o aconchego de seu lar para sempre... Foi nessa época que Ava adotou um diário, onde desabafava seus medos e angústias. O papel tornou-se, então, seu melhor amigo.

Mas o tempo passou e, no oitavo ano, Ava enfim reconciliou-se com seu arqui-inimigo: o espelho. Seus traços se tornaram mais suaves e proporcionais. O corpo ainda era esguio, porém mais bonito, com músculos esculpidos pela dança – uma das maiores paixões de sua vida. Ava ainda podia ver-se dançando aquela melodia romântica, as luzes a rodeá-la, as notas batendo como seu sangue, em movimentos fluidos e controlados... Mas,

infelizmente, quando chegava o momento da apresentação, Ava sempre travava. Simplesmente não conseguia se mover. Por isso, desistiu. Tinha orgulho de seus seios e de suas pernas de bailarina, mas ainda odiava seu cabelo. Quanto à preferência nacional, meditava Ana, analisando-se de costas no espelho... Bem, não se pode ter tudo.

Pelos colegas, ainda era conhecida como a rainha da altivez e da indiferença, embora não visse a si mesma dessa maneira. Mas, pelo menos, estava protegida. Nos últimos tempos, pelos burburinhos que ouvia à sua volta, chegara à conclusão de que seria possivelmente a única virgem a ingressar no ensino médio. O assunto *sexo* estava por toda parte. Parecia ser o único tema discutido fora das aulas. Ava espantava-se com a franqueza das conversas que ouvia no banheiro das meninas – que taxava de vulgares e nojentas –, mas não perdia uma palavra sequer. Ouvia atentamente, como em um exercício de masoquismo. A coisa toda parecia tão fantástica que ela temeu que não existisse mais quando se casasse para tomar parte. Pois, claro: segundo a sua religião, desejava sinceramente guardar-se para o casamento. Mas que Deus a livrasse de alguém descobrir isso... Tinha medo até de contar ao noivo!

Meu Deus, pensava ela, roendo as unhas, e se eu não me casar nunca? Será que morrerei virgem? Afinal, onde arrumarei em homem que me esperará para o casamento? Talvez em algum mosteiro beneditino, animava-se. Céus! Será que terei que seduzir um monge e convertê-lo ao protestantismo?

Ingênua, Ava não se dava conta de que a maioria das meninas exagerava nas narrativas. Ou, na melhor das hipóteses, as inventava. Ninguém sabia, mas nessa mesma época havia na turma um garoto secretamente apaixonado por Ava. Vítor Torres a contemplava dia e noite com seus olhos míopes e rosto pálido e, assim como ela, também era isolado.

E virgem.

Mas Ava não gastava tempo com aqueles meninos, por isso nunca o notou. Seus olhos, assim como cada par de olhos femininos daquele colégio, só se voltavam para Gabriel, o astro

do futebol juvenil. Alto, coxas grossas e um sorriso de garoto, Gabriel era o menino mais popular do ensino médio. Seus olhos eram da cor de um rio no pôr-do-sol, suspirava ela enquanto o via passar. A única razão para Ava não aceitar namorar imediatamente com ele era porque Gabriel ainda não tomara ciência de sua medíocre existência. *E, pelo andar da carruagem*, pensava ela, olhando a vista que passava como um borrão através da janela do carro, *jamaís saberá*. Ela rememorou que a cada vez que eles se cruzavam casualmente, seu coração disparava, a boca ficava seca e ela pensava que iria desmaiar. Nunca conseguiu se dirigir a ele diretamente e agora arrependia-se imensamente daquilo. Talvez, se ele a tivesse conhecido melhor, se soubesse como era inteligente...

Droga Ava! Que garoto quer mulher inteligente? Ela reprimia a si mesma. Para os meninos, só importavam glândulas mamárias na medida certa, músculos glúteos ao máximo e cérebros do tamanho de um grão de mostarda. E Gabriel passava por ela como... como... *o Titanic passaria por uma canoa*, comparava Ava, desanimadamente.

Mas Gabriel também ficou para trás. Ela estava em uma nova metrópole e a caminho de seu novo colégio. Ava sempre preferira as cidades grandes, onde as pessoas não se importavam em criar laços. Assim, quando partisse novamente, não sofreria meditando no que deixaria para trás. Muitas vezes, sentia-se mais observadora do mundo do que uma participante ativa do mesmo. Talvez por isso desejasse tanto tornar-se repórter, ter uma vida emocionante – mas, óbvio, nunca, JAMAIS, diante das câmeras. Trabalharia como colunista de um jornal impresso. Aquela apatia não duraria pelo resto da vida, prometia Ava a si mesma. Quando prestasse vestibular, ingressaria na faculdade de Jornalismo. E, pela primeira vez em toda uma vida, ficaria por cinco anos no mesmo lugar. Provavelmente, moraria em alguma república, refletia encantada. Seria o ano em que se abriria para um novo mundo. Poderia fazer novas amizades, criar vínculos com seus professores. Talvez, com sorte, até encontrasse o amor... E, com certeza, refletia otimista, faria amizades verdadeiras que du-

rariam eternamente. Seria o período mais maravilhoso de sua vida. *Só mais alguns anos*, ela dizia a si mesma, passando pelo imenso portão azul do novo colégio, e tudo então mudaria para sempre.